



## **PROCESSO PRIMÁRIO E DOMÍNIO SEMÂNTICO: APROXIMAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E ANÁLISE DO DISCURSO POR MEIO DO PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM NATURAL**

Erikson Kaszubowski<sup>1</sup>

### **1 Introdução**

Sob a alcunha de Thomas Herbert, Michel Pêcheux iniciou seu percurso intelectual com uma crítica ao estatuto científico das ciências sociais, apoiado em uma epistemologia não positivista e avessa ao empirismo ingênuo oriunda de pensadores como Bachelard e Canguilhem, acrescida de conceitos provenientes do materialismo histórico (HENRY, 1997). Ao invés de retomar essa crítica e o programa por ela suscitado, proponho, inicialmente, abordar o entendimento desenvolvido por Pêcheux do que constitui a prática e o conhecimento propriamente científicos para posteriormente aplicá-lo à compreensão do desenvolvimento da psicanálise, permitindo situar sua interface com a análise do discurso.

Enquanto a ideologia surge como um produto de determinadas práticas técnicas, materializada em instrumentos que permitem simular e verificar espontaneamente o domínio do real ao qual se refere, uma prática teórica efetivamente científica só pode surgir a partir de um movimento de ruptura com uma ideologia. O objeto que uma ciência se dá não é, portanto, o real da técnica acessado pela ideologia, mas a desmontagem da própria ideologia que lhe deu origem. Essa destruição, por sua vez, só pode ocorrer pela utilização de instrumentos de transformação que inauguram a "aventura teórica" de bem definir os conceitos iniciais e os métodos de acesso ao objeto da ciência. A aplicação e replicação do método de uma ciência lhe permite reproduzir de forma rigorosa seu objeto e colocá-lo à prova, desenvolvendo o discurso científico como adequação reflexiva desse conhecimento a si mesmo (HERBERT, 1966).

Essa concepção epistemológica aplica-se rigorosamente à emergência da psicanálise como uma ciência do inconsciente. O campo ideológico com o qual a psicanálise rompe não é outro que o da medicina, em sua dupla determinação como aplicação dos conhecimentos elaborados pelas ciências biológicas e como técnica orientada para um conjunto de demandas específicas de práticas sociais relativas ao cuidado de si. Mais especificamente, a psicanálise rompe com o conhecimento psiquiátrico que emerge no século XVIII em torno desse novo objeto sobre o qual a medicina começava a se debruçar: a loucura. Em torno desse objeto se fundem práticas asilares cuja origem remontam à Idade Média e saberes médicos desenvolvidos como justificativa para o isolamento do mal que lhe era associado (GARCIA-ROZA, 2004). Insinuando-se sub-repticiamente sob a ideologia psiquiátrica encontrava-se o sujeito moderno como enunciara Descartes: uma identidade entre ser e pensamento, com o qual a loucura mantinha uma relação de disjunção.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professor de Psicologia na Universidade Federal da Fronteira Sul. Contato: erikson@uffs.edu.br

A ruptura empreendida por Freud dá um golpe no sujeito que serve de fundamento para o saber psiquiátrico e instaura o objeto a ser estudado pela psicanálise: o inconsciente. A subjetividade deixa de ser concebida como submetida às exigências lógicas da razão para admitir a existência de uma região que não é acessível aos processos conscientes e que deixa evidente seus efeitos, como demonstrado pelos sintomas neuróticos. O que para o sujeito cartesiano só poderia ser disjunção, o sujeito do inconsciente faz retornar como um saber. Como corolário necessário para instituir esse objeto, Freud propõe como pedra angular da psicanálise o mecanismo do recalque, causa da cisão na subjetividade e interditor do acesso imediato ao inconsciente.

O instrumento desenvolvido que permite reproduzir o inconsciente para investigação metódica é a livre-associação e, seu complemento, a atenção uniformemente flutuante, que conjugados constituem o *setting* psicanalítico tradicional (FREUD, 1984). A livre-associação nada mais é do que a insistência de que o paciente em análise fale tudo o que lhe ocorre, evitando qualquer julgamento, resguardada sua privacidade; a atenção uniformemente flutuante consiste na escuta feita pelo psicanalista sem dar peso prévio a nenhuma associação em particular.

Sua originalidade se encontra no modo inédito como essa confissão se configura, uma vez que nem o analisando nem o analista sabem exatamente o ponto aonde chegar – ele só pode ser dado *a posteriori*. Além disso, enquanto as técnicas confessionais se constituem como instrumentos espontâneos, a livre-associação está calcada na própria definição do inconsciente e do recalque. Uma livre-associação, contrariamente ao que se poderia supor por seu nome, só é livre dos julgamentos conscientes, sendo sobredeterminada pelo saber inconsciente que constitui o sujeito e o processo de formação de compromisso elaborado pelo recalque. A fala produzida durante um processo de análise, portanto, não é simplesmente a narrativa de uma confissão de eventos passados ou fantasias futuras, mas é a própria produção do inconsciente *in praesentia*.

A psicanálise tem no *setting* clínico tradicional o instrumento que lhe permitiu desenvolver seus conhecimentos. Esse espaço, porém, não é o único onde se desenvolvem pesquisas em psicanálise. A ampliação dos espaços de atuação do psicanalista levaram a utilização de seu conhecimento em contextos que não permitem ou não se adequam ao instrumento investigativo usual. Mais especificamente no contexto acadêmico, as pesquisas em psicanálise tendem a se afastar da prática clínica tradicional, abrindo espaço para três modalidades de investigação: as pesquisas apoiadas em material proveniente da clínica; a psicanálise aplicada, que utiliza conceitos da teoria psicanalítica para interpretar fenômenos culturais, desde arte até conhecimentos diversos; e a pesquisa histórico-conceitual, que trabalha sobre os cânones da psicanálise com o objetivo de interrogar a coerência e organização sistemática dos conceitos (MEZAN, 2002).

A ampliação do campo de investigação e conseqüente afastamento do espaço originário da clínica levaram a conseqüências que se fazem sentir nas pesquisas em psicanálise na universidade. Sem o uso de um instrumento para permitir a reprodução de seu objeto de estudo – ou mantendo esse instrumento num horizonte anunciado mas intangível –, muitas pesquisas permanecem numa linha tênue entre a prática científica e a ideologia, tratando a teoria psicanalítica como uma

cosmovisão isolada em si mesma. Freud (1976) assevera que, se a psicanálise conduz a uma determinada visão de mundo, ela só pode estar na esteira do que já foi concebido para as ciências. Remendar os buracos do mundo com uma teoria totalizante é fruto do conhecimento ideológico e não caberia à psicanálise essa tarefa.

Um caminho possível para evitar a tentação de transformar o conhecimento psicanalítico em ideologia nas pesquisas acadêmicas seria conceber um instrumento que permitisse a reprodução de seu objeto de estudo, o inconsciente, mesmo fora do contexto clínico. E é nesse ponto que nosso caminho cruza novamente com o de Michel Pêcheux: assim como o instrumento por ele concebido pretende operar uma ruptura epistemológica no campo das ciências sociais, questionando principalmente o lugar do sentido e do sujeito (TEIXEIRA, 2005), o principal objetivo desse trabalho é ressituar as pesquisas em psicanálise na universidade a partir de uma apropriação do instrumento desenvolvido para a análise do discurso.

A escolha do instrumento pecheutiano se dá por ele colocar em questão o lugar do sujeito como produtor de sentidos, em analogia com o que se passa na prática psicanalítica. Ora, o próprio Thomas Herbert (1966) propõe uma “escuta social” pautada na “escuta analítica” da psicanálise como base do instrumento a ser elaborado. Mesmo que a primeira versão deste instrumento deixe a psicanálise e seu sujeito notavelmente de fora, suas revisões posteriores irão se concentrar cada vez mais em investigar as relações entre ideologia e sujeito pela via do inconsciente (TEIXEIRA, 2005).

O caminho que proponho para a apropriação do instrumento da análise do discurso para a psicanálise passa por duas vias principais: sua fundamentação dentro da teoria analítica, afastando-se da investigação do discurso ideológico para se focar mais exclusivamente no discurso inconsciente; e sua formalização em algoritmos que permitam definir claramente os procedimentos de análise, abordando *corpora* textuais de modo a permitir a repetição e a comparação dos resultados. A primeira via exige a abordagem do processo metafórico, principal estratégia utilizada para o cálculo da proximidade paradigmática e construção dos domínios semânticos na Análise Automática do Discurso, a partir dos conceitos psicanalíticos associados ao processo primário. A via da formalização, por sua vez, passa pelo levantamento de técnicas recentes do processamento de linguagem natural, em particular o modelo semântico de espaço vetorial, para operar a passagem da superfície discursiva para um primeiro esboço dos processos inconscientes.

## **2 Distribuição, efeito metafórico e processo primário**

O instrumento de análise de discurso cuja apropriação para a psicanálise é desenvolvida neste trabalho parte dos escritos de Pêcheux que constituem o que Malidier denomina de “o tempo das grandes construções”, principalmente *Análise automática do discurso (AAD69)* (PÊCHEUX, 1997) e *A propósito da análise automática do discurso* (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). As objeções a essas escolhas são óbvias: nos anos subsequentes, a máquina de análise proposta no primeiro momento será alvo de duras críticas por parte do próprio Pêcheux, a ponto de ele próprio se referir a sua proposta como excessivamente próxima dos modelos empírico-lógicos de leitura que eram alvo

de crítica da AD (PÊCHEUX, 1981). Esta escolha se justifica, porém, com base nos seguintes motivos, que serão desenvolvidos nesta seção: o modelo distribucional de Harris, fundado que está no estruturalismo saussureano (SAHLGREN, 2008), principalmente no conceito de valor, se aproxima muito mais da interpretação lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem do que conceitos como formação discursiva; o uso do efeito metafórico como fenômeno-chave a ser observado na superfície discursiva para se chegar aos domínios semânticos do discurso é facilmente aproximado aos processos primários como objeto da interpretação psicanalítica que permite reconstituir o caminho do conteúdo manifesto para o conteúdo latente; por fim, esses escritos ousam estabelecer procedimentos de análise delimitados em algoritmos computáveis, enquanto nos escritos sobre a AD80 os algoritmos são apenas mencionados mas nunca explicitados, permanecendo seu desenvolvimento uma tarefa a ser cumprida a partir dos avanços teóricos e conceituais.

O modelo freudiano de inconsciente, ou pelo menos o acesso que se pode ter a ele pela via da interpretação das associações livres, concede ao texto composto pelo falante uma planificação possibilitada pela escuta flutuante: nenhuma palavra detém, de saída, uma chave para explicar as demais. Como Freud (2001) demonstra n'*A interpretação dos sonhos*, os elementos que compõe o relato do sonho não carregam nenhum valor semântico *a priori*, não há uma chave que permita substituí-los por significados universais, tal qual um dicionário. Portanto: o texto do sonho, ou qualquer texto proveniente da utilização do instrumento psicanalítico, não é suficiente em si para a interpretação, tornando necessária a presença de outros textos que possam servir de alteridade na constituição do discurso inconsciente. Não há uma correspondência pontual entre elementos significantes e seus respectivos significados, tornando inútil qualquer tentativa de fixar os significados num conjunto de chaves universalmente válidas.

A saída é substituir os elementos da superfície do relato do sonho pelas associações que lhes são atribuídas. Conseqüentemente, o valor que um significante tem na constituição de um sonho só pode ser determinado pela relação de diferença estabelecida com outros significantes que emergem a partir das associações. Essa maneira de conceber o sistema de representações que constituem a subjetividade permitiu Lacan (1999) afirmar que há em Freud um estruturalismo linguístico *avant la lettre*, aproximando o representantes da representação freudiano do signo linguístico saussuriano, e, mais especificamente, da noção de significante (LACAN, 1998). A aproximação entre psicanálise e linguística estrutural permite justificar o apoio sobre a hipótese distribucional de Harris, tomado por Pêcheux como base para a formulação da parte automática de seu instrumento, como condição de equivalência da escuta flutuante no contexto clínico. A partir das substituições identificadas num *corpus* pela distribuição de seus termos componentes - e não por seu encadeamento lógico - será possível a construção de um domínio semântico latente.

A relação entre os elementos presente no relato do sonho e o resultado final da interpretação, que procura reestabelecer os pensamentos oníricos em termos do desejo que o sonho buscou realizar de maneira cifrada, se organiza a partir do processo primário. Freud (2001) o descreve como forma de funcionamento do inconsciente, pautado na descarga imediata de qualquer excitação. A

energia relativa a essa excitação se encontraria num estado “livre”, não amarrado a representações específicas, e se conduziria pelo aparelho psíquico por meio do deslocamento e da condensação.

A condensação diz respeito ao processo pelo qual um conjunto volumoso de representações é comprimido em um número reduzido de elementos a partir das vias associativas mais numerosas (FREUD, 2001). Lacan (1998), apoiado nos estudos sobre as afasias empreendido por Jakobson, propõe que o que a psicanálise identifica na clínica como processo de condensação nada mais é do que a figura retórica da metáfora, definindo-a como “a substituição do significante pelo significante [pelo qual] se produz um efeito de significação” (p. 519). O deslocamento, por sua vez, descreve o mecanismo pelo qual o valor de um representação é transferido integralmente para outra representação que está de alguma forma associada a representação de origem (FREUD, 2001). A figura retórica que Lacan (1998) reconhece no deslocamento é a metonímia, na medida em que ocorre um certo deslizamento de sentido de uma palavra para outra que lhe é próxima.

Essa exposição dos mecanismos envolvidos com o processo primário servirão para ilustrar sua proximidade com a noção de efeito metafórico. Esse conceito se refere ao “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” (PÊCHEUX, 1997, p. 96), ou seja, a substituição de um determinado termo por outro num enunciado sem alterar sua interpretação, possível apenas em contextos específicos. Pelo recurso ao processo metafórico, “o mesmo sistema de representações se reinscreve através das variantes que o repetem progressivamente; é esta repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas que caracteriza, a nossos olhos, o mecanismo de um processo de produção” (p.97). Ora, a definição dada por Pêcheux ao processo metafórico usa dos mesmo termos que Lacan utiliza para caracterizar a metáfora em psicanálise.

Num momento posterior, Pêcheux (PÊCHEUX; FUCHS, 1997) estabelece uma diferença entre substituição simétrica e orientada que permite identificar uma relação com o fenômeno do deslocamento. O efeito metafórico acima definido passa a caracterizar um caso especial de substituição, denominado de substituição simétrica, ou seja, no qual a permuta de um termo por outro ocorre reciprocamente. Torna-se evidente, porém, a existência de outra modalidade de substituição, na qual não há reciprocidade na possibilidade de troca dos termos. Essa substituição é denominada orientada por tornar obrigatória a identificação de uma associação sintagmática entre os termos, o que implica em sua unidirecionalidade.

### **3 O processamento de linguagem natural e o modelo semântico de espaço vetorial**

Elaborado um primeiro movimento de apropriação do instrumento da análise automática do discurso a partir da relação entre alguns de seus conceitos fundamentais e conceitos psicanalíticos, resta ainda descrever como os avanços contemporâneos na área da informática podem permitir aplicar esse fundamentos básicos em algoritmos.

A maioria das teorias discursivas presentes na informática procura trabalhar o texto a partir de uma análise que o reduza a um modelo adequado a um conjunto de requisitos lógicos, conforme notado já em 1981 pelo próprio Pêcheux. Na busca de uma técnica de processamento de linguagem



natural que não apagasse de saída as ambiguidades, contradições e deslizes presentes no discurso, foi encontrado o modelo semântico de espaço vetorial (CLARK, 2012). Esse modelo se pauta na representação dos termos contido num texto como vetores cujos elementos representam sua presença ou ausência dentro do conjunto de contextos presentes no *corpus*.

A elaboração dos vetores a partir de um conjunto de textos é feita pela construção de uma matriz na qual cada fileira corresponde aos termos presentes no texto – e é importante deixar claro que não é necessário realizar uma escolha *a priori* dos termos a serem analisados – e cada coluna representa, numericamente, a presença do termo na série de contextos escolhidos. A escolha do contexto é o elemento que mais determina a especificidade dos resultados alcançados: pode-se partir desde modelos simplistas que consideram apenas as palavras imediatamente anteriores e posteriores ao termo-chave, até modelos complexos que levam em consideração relações sintáticas entre os termos do contexto e o termo-chave (SAHLGREN, 2008).

A partir do cálculo da distância entre os vetores – que pode ser realizada a partir de relações algébricas simples, como o cosseno – é possível agrupar os termos do texto com base na semelhança dada pelo contexto em que aparecem e se substituem. Essa proximidade, organizada em *clusters*, pode ser projetada num plano bidimensional para construir uma representação gráfica dos diversos domínios semânticos presentes no *corpus* analisado.

## Referências

- CLARK, Stephen. Vector space models of lexical meaning. *Handbook of Contemporary Semantics—second edition*. Wiley-Blackwell, 2012.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- FREUD, Sigmund. Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22. .
- FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1984. v. 12. .
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 21. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 11–38.
- HERBERT, Thomas. Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale. *Cahiers pour l'Analyse*, v. 2, p. 137–165, 1966. Disponível em: <<http://cahiers.kingston.ac.uk/vol02/cpa2.6.herbert.html>>. Acesso em: 11 set. 2013.
- LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496 – 536.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MEZAN, Renato. *Interfaces de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. .
- PÊCHEUX, Michel. Analyse de discours et informatique. *Actes du Congrès International Informatique e Sciences Humaines*, p. 699–707, 1981.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. .





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença  
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

SAHLGREN, Magnus. The distributional hypothesis. *Italian Journal of Linguistics*, v. 20, n. 1, p. 33–54, 2008. Disponível em: <<http://soda.swedish-ict.se/3941/1/sahlgren.distr-hypo.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.